

OS ESTÁGIOS DE INSUBORDINAÇÃO EM CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS COM A CONJUNÇÃO *SE* NO PORTUGUÊS: EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS

IF-CONDITIONAL CONSTRUCTIONS INSUBORDINATION STAGES
IN PORTUGUESE: HISTORICAL EVIDENCES

Maria Carolina Coradini | [Lattes](#) | m.linacoradini@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos

Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale | CNPq | [Lattes](#) | fbmhvale@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: O fenômeno da insubordinação é definido como o uso independente de orações originalmente subordinadas (EVANS, 2007). Trata-se de casos como “se soubesse como me faz sofrer!” (Corpus do Português). Para explicar a origem dessas construções, Evans (2007) propõe uma trajetória baseada na elipse da oração principal, constituída de quatro estágios, sendo o último o de convencionalização, em que a construção tem forma e função especializadas e uso totalmente independente. Trabalhos posteriores atestam construções insubordinadas em diferentes línguas, como português, espanhol, francês, inglês, alemão, holandês, sueco e dinamarquês (D’HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; DECAT, 2011; GRAS, 2011; KALTENBÖCK, 2016; MITHUN, 2008; STASSI-SÉ, 2012; VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014; HIRATA-VALE, 2015, 2017, 2020; SANSIÑENA, 2015; SCHWENTER, 2016; TRAUGOTT, 2017), e apontam outros fatores a respeito do grau de independência dessas construções, como relações estabelecidas pragmática e discursivamente. O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* no português, discutindo a aplicabilidade da proposta de Evans (2007) com base em dados que alcançam do século XVI ao século XX, coletados nos *corpora* Corpus do Português (Gênero Histórico) e Corpus Histórico do Português Tycho Brahe. Os quatro diferentes estágios de insubordinação foram verificados no desenvolvimento dessas construções no português e, a partir de casos específicos de convencionalização, levanta-se a hipótese de que essas construções tendem a se especializar e operar no domínio pragmático, por exemplo, como um mecanismo de polidez.

Palavras-chave: Sintaxe; Insubordinação; Convencionalização; Diacronia.

Abstract: The phenomenon of insubordination is defined as the independent use of originally subordinate clauses. To explain the origins of these constructions, Evans (2007) proposes an insubordination trajectory based on the ellipsis of the main clause, composed by four stages, the last one being the conventionalization, in which the construction has specialized form and function and is used independently. Later works attest insubordinate constructions in different languages, as Portuguese, Spanish, French, English, German, Dutch, Swedish and Danish (D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; DECAT, 2011; GRAS, 2011; KALTENBÖCK, 2016; MITHUN, 2008; STASSI-SÉ, 2012; VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014; HIRATA-VALE, 2015, 2017, 2020; SANSIÑENA, 2015; SCHWENTER, 2016; TRAUGOTT, 2017), and point to other factors about the degree of independence of these constructions, such as established relations in pragmatics and discourse levels. The present work aims to describe and analyze insubordinate conditional constructions with the conjunction *se* in Portuguese, discussing the applicability of Evans' (2007) proposal, based on data collected from Corpus of Portuguese and Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese ranging from the 16th to the 20th century. The four different stages of insubordination were found in Portuguese and, from specific cases of conventionalization, it is hypothesized that these constructions tend to specialize and operate in the pragmatics domain, for example, as a mechanism of politeness.

Keywords: Syntax; Insubordination; Conventionalization; Diachrony.

1 Introdução

O fenômeno da *insubordinação*, termo cunhado por Evans (2007), consiste no uso independente de construções que, embora apresentem traços formais de orações subordinadas, como conjunções, ordem específica de constituintes etc., funcionam desvinculadas de uma oração principal.

Muitos trabalhos vêm atestando o uso dessas construções em diferentes línguas, como português, espanhol, francês, inglês, alemão, holandês, sueco, dinamarquês e finlandês (D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; DECAT, 2011; DEBAISIEUX; MARTIN; DEULOFEU, 2019; EVANS, 2007; GRAS, 2011; HIRATA-VALE, 2015, 2017, 2020; HIRATA-VALE; OLIVEIRA; SILVA, 2017; KALTENBÖCK, 2016, 2019; LINDSTRÖM; LAURY; LINDHOLM, 2019; MITHUN, 2008, 2019; MONTOLÍO, 1999; SANSIÑENA, 2015, 2019; SCHWENTER, 2016; TRAUGOTT, 2017; VAN

LINDEN; VAN DE VELDE, 2014), e mostram que não só são muito frequentes como também desempenham um importante papel na constituição textual e interacional.

São descritos na literatura diversos tipos de construção insubordinada, como os seguintes:

- 1) Girard: Jerry, *if you could bring us some Oreos*.
Tamron Hall: We're not trying to lure in pets from around the neighborhood.
(TRAUGOTT, 2017, p. 295)
- 2) King: Peace, a plague on you, peace; but wherefore asked you how I did?
Queen: *Because I feared that you were hurte my Lord*. (TRAUGOTT, 2017, p. 295)
- 3) Estado: Ele deve temer a aliança de centro-esquerda?
Tasso: Não, de jeito nenhum. *Que venham as alianças, que venham as oposições*.
Faz parte do processo. Passamos a vida lutando por eleição, por democracia, por voto nulo. (HIRATA-VALE; OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 36)

Como se pode observar, são casos que não se enquadram na tradicional dicotomia de articulação de orações subordinação-coordenação. Alguns autores consideram que se trata de um fenômeno de mudança de dependência, em que o alcance dessas construções é expandido de um nível mais restrito, a sintaxe, para um nível mais amplo, a pragmática (MITHUN, 2008; D'HERTEFELT; VERSTRAETE, 2014; VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014). Há também hipóteses do surgimento de insubordinadas por mecanismos como a elipse (EVANS, 2007), a partir de orações originalmente subordinadas, e a cooptação (KALTENBÖCK, 2016), que, no entanto, são pouco abordados do ponto de vista diacrônico.

Desse modo, este artigo tem por objetivo descrever e analisar o funcionamento de construções insubordinadas no português, mais especificamente as condicionais iniciadas pela conjunção *se*, a fim de verificar diferentes estágios de insubordinação, como propõe Evans (2007), com base em dados diacrônicos recolhidos em *corpora*. Os dados foram coletados manualmente nos *corpora* Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), em seu gênero histórico, e Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017), e alcançam do século XVI ao século XX.

Neste trabalho, adota-se um tratamento da língua a partir de uma perspectiva funcionalista centrada no uso, o que implica considerar que os fenômenos linguísticos devem ser vistos como decorrentes dos processos de interação social, em que a relação entre forma e função não é arbitrária, mas sim motivada, e que as estruturas linguísticas são resultados de seus usos.

As próximas seções do artigo se organizam da seguinte maneira: na segunda seção, são apresentados alguns conceitos sobre o processo de insubordinação e o tratamento dado às construções condicionais insubordinadas na literatura. Na sequência, apresenta-se a metodologia utilizada na coleta e análise dos dados. A quarta seção apresenta a descrição dos traços formais e funcionais observados nas condicionais insubordinadas com *se*. Em seguida, são apresentados diferentes estágios de insubordinação dessas construções, alinhados à proposta de Evans (2007), e são discutidos, particularmente, três casos que apresentam evidências de uma possível trajetória de convencionalização. Por fim, na sexta seção, são apresentadas considerações gerais do trabalho.

2 Questões teóricas

Na literatura, a questão que mais vem sendo discutida sobre as construções insubordinadas diz respeito ao seu grau de independência não só do ponto de vista sintático, como também do pragmático-discursivo. O que se vem mostrando desde a proposta de Evans (2007) é que a dependência, em muitas línguas, pode se manifestar através de marcadores de natureza pragmático-discursiva, como aponta Mithun (2008) sobre as línguas Navajo e Yup'ik, e que existem diferentes nuances de insubordinação dessas construções associadas a esses níveis linguísticos.

Do ponto de vista sintático, uma construção insubordinada é caracterizada por ocorrer desvinculada de uma oração principal, nos termos da gramática tradicional, e possuir algum marcador típico de subordinação. Apesar de não ocorrerem sintaticamente ligadas a outra construção, essas construções estabelecem outros tipos de relação que desempenham um papel importante em sua codificação no contexto comunicativo.

Segundo Evans (2007), pioneiro nos estudos sobre o fenômeno, a insubordinação trata de um processo de convencionalização em que orações originalmente subordinadas são reanalisadas como independentes após sofrerem a elipse da oração principal. O desenvolvimento dessas construções pode ser exemplificado com a seguinte trajetória:

Quadro 1 – Trajetória de insubordinação

Subordinação (1)	Elipse (2)	Elipse convencionalizada (3)	Reanálise como uma estrutura principal (4)
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição à interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como principal de oração originalmente subordinada

Fonte: Evans (2007, p. 370, tradução nossa).

No primeiro estágio referente à subordinação, o que se observa é o uso prototípico de orações subordinadas. Após sofrer a elipse da oração principal, qualquer oração principal compatível pode ser recuperada pelo ouvinte por inferência conversacional, sem quaisquer restrições semânticas ou pragmáticas. Conforme as construções passam a apresentar evidências sintáticas e/ou semânticas para uma estrutura principal subjacente, surgem restrições quanto às possibilidades de recuperação do conteúdo elíptico, caracterizando, assim, o terceiro estágio. Nesse estágio, algumas estruturas sintáticas antes consideradas aceitáveis como conteúdo elíptico passam a ser excluídas por convenção. O estágio de convencionalização, por fim, confere às construções insubordinadas o estatuto de independentes. Nesse momento, as construções passam a ter um novo significado próprio que independe de quaisquer outras construções que estejam ausentes, sendo impossível recuperar qualquer material elíptico de uma forma que permita que todo o conteúdo presente na construção seja preservado.

Os estágios da trajetória podem ser ilustrados com os seguintes casos:

Subordinação

- 4) Ich erinnere mich nicht, ob sie eine Karte gekauft hatte.

I don't remember whether she bought a ticket.

(DURRELL, 1997 apud EVANS, 2007, p. 371)

Elipse da oração principal

- 5) [Ich zweifle,] Ob wir richtig sind?

[I doubt] *whether we are right?*

(BUSCHA, 1976 apud EVANS, 2007, p. 372)

Elipse convencionalizada

- 6) [Es wäre schön,]/ [Ich wäre froh,] Wenn ich deine Statur hätte

[It would be lovely]/ [I would be glad] *If I had your build*

*[Es wäre schlimm,] Wenn ich deine Statur hätte

*[It would be bad] *If I had your build* (EVANS, 2007, p. 373)

Reanálise da construção como estrutura principal

7) Und wenn ich nicht von ihr loskomme?

And if I don't get away from her?

[Was geschieht] *wenn ich nicht von ihr loskomme?*

[What happens] *if I don't get away from her?* (EVANS, 2007, p. 373)

Segundo o autor:

[...] the fourth stage pathway proposed above zigzags between an opening up, then a closing, of the role of pragmatics. First a previously syntacticized subordinate clause, made independent, becomes available for pragmatic interpretation; in this phase grammatical formatives get opened up to the pragmatics and become less grammatical. Only in the second phase does 'depragmaticization' occur, as the newly independent clause acquires a more specific meaning. (EVANS, 2007, p. 375)

A partir de dados de diferentes línguas, Evans (2007) delineou principalmente as diferenças formais entre subordinação e insubordinação, apresentando uma possível explicação para a origem dessas construções e a gama de funções que podem exercer. Como traços morfossintáticos, o autor identificou i. uso de infinitivos; ii. uso do modo subjuntivo; iii. ordem de palavras subordinada; iv. complementizadores subordinativos característicos ou conjunções em orações principais aparentes e v. pronomes e referência cruzada. Já no âmbito das funções, foram identificadas: vi. expressões de coerção interpessoal; vii. modalização de vários tipos desencadeada por marcadores epistêmicos, deônticos e evidenciais e construções exclamativas e avaliativas.

Embora essa seja uma proposta plausível para explicar como construções insubordinadas surgem e se desenvolvem nas línguas, alguns autores consideram que o mecanismo de elipse, por ser estritamente ligado ao nível sintático, não é capaz de explicar casos que explicitam relações pragmático-discursivas mais fortes no desenvolvimento dessas construções e que não necessariamente implicariam no apagamento de uma construção com a qual a insubordinada estaria anteriormente relacionada. Assim, outros mecanismos são elencados por esses autores para explicar o surgimento dessas construções, como a exten-

são da dependência funcional (MITHUN, 2008), a hipoanálise (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014) e a cooptação (KALTENBÖCK, 2016). Há também hipóteses sobre essas construções já nascerem de forma independente e serem utilizadas pelos falantes como um mecanismo de focalização ou manifestação da expressividade no enunciado (DECAT, 2011, 2019).

Decat (2011, 2019) considera que essas construções são estruturas desgarradas, independentes, que ocorrem sem oração matriz. A autora argumenta, com base na noção de proposição relacional, no quadro da Rhetorical Structure Theory (RST), que essas construções não passam por processos de “desgarramento” porque, ainda que não haja uma oração subjacente explícita sintaticamente anterior à construção desgarrada, é possível recuperar uma porção de texto à qual a construção está relacionada, por meio do cotexto e contexto, através da relação de dependência pragmática que se mantém com o conteúdo precedente, também evidenciada pelos traços sintáticos típicos de orações subordinadas.

No que concerne às construções condicionais insubordinadas (doravante, CCIs), em particular as iniciadas pela conjunção *se*, atesta-se um contínuo de especialização que vai de construções mais dependentes do contexto, podendo exercer uma gama de funções variadas, a menos dependentes do contexto, que exercem funções altamente especializadas (HIRATA-VALE, 2015; KALTENBÖCK, 2016).

Kaltenböck (2016), que investiga insubordinadas iniciadas por *if* em inglês, com base na Discourse Grammar (KALTENBÖCK et al., 2011), afirma que a definição de insubordinação de Evans (2007) exclui casos em que as construções aparecem acompanhadas por uma oração, mas não são governadas sintaticamente por ela. De acordo com o autor, as CCIs podem ser classificadas da seguinte forma:

- I. *Performativas*, que são independentes do contexto, prospectivas e possuem força ilocucionária própria, capazes de expressar diferentes valores. Podem ser a) diretivas, b) optativas ou c) exclamativas;
- II. *Elaborativas*, que são relacionadas ao contexto, ligadas pragmaticamente ao texto precedente e retrospectivas. Podem ser d) elaborações de um outro falante a respeito do enunciado ou e) elaborações do mesmo falante acerca do enunciado, como comentários, avaliações ou esclarecimentos.

Kaltenböck (2016) considera que construções insubordinadas se originam do

processo de cooptação, uma operação em que um elemento da gramática sentencial é utilizado como elemento parentético no discurso, resultando na troca do escopo semântico-pragmático da sintaxe para o domínio do discurso. O autor afirma, ainda, que o alto grau de especialização dessas construções, decorrente da combinação entre forma e função específicas, em especial das diretivas, sugere que são construções particulares e, nos termos da Gramática de Construções,

[...] can be seen as having separate mental representations as two different constructions or “type nodes” (e.g., Traugott & Trousdale 2013: 22). However, from a constructionist perspective constructions are independent, but not isolated entities (e.g., Fried & Östman 2004: 12, Croft & Cruse 2004: 262–264). They are linked with other, related constructions of different levels of schematicity in a larger taxonomic network of constructions. (KALTENBÖCK, 2016, p. 367)

Ao analisar construções encabeçadas por *because*, *if* e *as if* no inglês, Traugott (2017) considera que construções insubordinadas são *monoclauses* introduzidas por elementos subordinativos, que são usadas especialmente em situações de interação à maneira de um sintagma nominal, preposicional ou adverbial. Em sua análise, a autora se utiliza da trajetória de insubordinação proposta por Evans (2007) para verificar a existência de diferentes estágios desses três tipos de construção no inglês. Os diferentes estágios são atestados em *corpora* e, segundo a autora, encontram-se construções iniciadas por *because* desde o inglês antigo, e iniciadas por *if* e *as if* a partir do inglês moderno.

De acordo com Traugott (2017), as construções insubordinadas iniciadas por *if*, em particular, não expressam condicionalidade, pelo fato de que são construções que apresentam força ilocucionária distinta, de pedido, desejo, surpresa ou indignação. A autora afirma, ainda, que o grau de insubordinação dessas construções pode ser medido segundo a composicionalidade da construção, as variações em sujeito e pronome e o uso ou não de verbos modais.

Hirata-Vale (2015, 2017, 2020), que analisa condicionais insubordinadas no português, também com base nas reflexões teóricas de Evans (2007), demonstra, a partir de dados sincrônicos extraídos de *corpora*, que tais construções apresentam caráter intersubjetivo, desempenham diversas funções metatextuais e podem codificar diferentes valores que são determinados pragmaticamente. Hirata-Vale afirma que, por meio de um contínuo, é possível apreender os traços semântico-pragmáticos particulares do desenvolvimento dessas construções. O contínuo vai de construções menos rígidas, que podem expressar diferentes funções, às mais convencionalizadas, com forma e função específicas

(CCIs espontâneas CCIs construcionais CCIs formulaicas) (HIRATA-VALE, 2015, p. 44), caracterizadas da seguinte maneira:

- I. *Espontâneas*, ligadas ao raciocínio do falante ancorado no discurso, com forma menos rígida, sem restrições sintáticas ou pragmáticas, e que podem desempenhar diversas funções:

Virgínia: Ele fala muito, lá na hora! Me deixou meio confusa, eu não sabia se respondia, se ficava calada...

Maria: *Se você pegou dois ônibus cheios pra me dizer isso...*

Virgínia: Eu vim porque o Edgar precisa de ajuda. (HIRATA-VALE, 2015, p. 45)

- II. *Construcionais*, que exercem funções mais específicas, apresentam uma estrutura mais fixa com traços morfossintáticos mais recorrentes e que são menos dependentes do contexto:

Deveria ter batido no gol, com confiança, tentou o passe pra o Edmundo e o placar Kaiser Clube diz, Vasco zero, Corinthians zero. (Propaganda Tupi). É hora da palhinha do Apolinho! *Se quiser comentar aí, ô, Apolinho!* (HIRATA-VALE, 2015, p. 47)

- III. *Formulaicas*, com estrutura completamente fixa e funcionamento livre, utilizadas quando o falante expressa um comentário ou reflexão de cunho metalinguístico que é independente do contexto:

Lembro que uma vez me levaram pra: mostrar como eles faziam aqueles tipozinhos, *se eu não me engano* – de chumbo – é chumbo né? – depois organiza aquilo tudinho – é: – já vem depois de corrigido aquilo é corrigido. (HIRATA-VALE, 2015, p. 50)

Como se pode notar, diversas propostas vêm sendo postuladas a partir do trabalho de Evans (2007), com o objetivo de preencher as lacunas no tratamento de construções insubordinadas, independentes ou desgarradas, como são chamadas na literatura. Observa-se que o ponto em que todas parecem convergir é, justamente, sobre o fato de que são construções especializadas que, mesmo apresentando traços de subordinação, funcionam de maneira muito particular e independente e podem ser consideradas cons-

truções por si sós, assumindo que a condição mínima para tal é apresentar uma relação simbólica de correspondência entre uma forma e uma função (GOLDBERG, 1995).

Acredita-se que os trabalhos de cunho diacrônico podem fornecer material para a postulação da origem e do desenvolvimento dessas construções e, alinhados aos trabalhos sincrônicos, podem contribuir para uma descrição ampla e completa do fenômeno. Partindo dessas reflexões teóricas, pretende-se discutir a aplicabilidade da proposta de Evans (2007) sobre construções condicionais com a conjunção *se* no português, verificando a existência de diferentes estágios de insubordinação para esse tipo de construção e evidências de possíveis processos de mudança, assim como também o fez Traugott (2017), a partir de dados extraídos de *corpora* históricos.

3 Materiais e métodos

A análise a ser apresentada se fundamenta em dados coletados em *corpus*, descritos de acordo com seus traços formais e funcionais e analisados qualitativamente.

Os *corpora* selecionados para a extração dos dados foram o Corpus do Português (CdP) (DAVIES; FERREIRA, 2006), em seu módulo histórico, com 45 milhões de palavras, e o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CTB) (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017), com mais de 3 milhões de palavras. Os textos que compõem a coletânea do primeiro *corpus* alcançam do século XIII ao século XX, sendo dos gêneros de ficção, de dramaturgia, jornalísticos, acadêmicos e de transcrições de fala. Já os do segundo, do século XIV ao século XX, sendo atas, cartas, gramáticas, jornais, textos dissertativos, narrativos e de dramaturgia.

A seleção desses *corpora* para a coleta de dados se justifica pela enorme quantidade de textos escritos nessa língua e por sua diversificação em termos de gênero, registro (formal e informal) e época de circulação, fatores que contribuem para a estruturação de um *corpus* diverso, que pode retornar diferentes tipos de construções que são de interesse para o trabalho.

Por apresentarem funcionalidades diferentes, a metodologia de busca por ocorrências se deu de forma diferente em ambos, como será mostrado nas subseções seguintes.

3.1 Corpus do Português

O *corpus*, por possuir um etiquetador morfológico robusto e seu próprio motor de busca, permite realizar consultas com uma espécie de expressão com itens específicos que preenchem linearmente uma estrutura sintática. Embora existam elementos prototípicos e recorrentes desse tipo de construção, como, por exemplo, a conjunção *se*, verbos,

pronomes e nomes, foram necessários alguns testes para chegar a expressões genéricas que tivessem um retorno significativo de condicionais insubordinadas.

Os testes consideravam variações nos elementos entre a conjunção *se* e o verbo, sendo representados da seguinte forma: $_y^*$ *se* -VERB $_v^*$. O comando descrito retorna construções iniciadas por um sinal de pontuação qualquer ($_y^*$), seguidas da conjunção *se*, qualquer elemento que não seja um verbo (-VERB), e verbos em qualquer conjugação ($_v^*$). O número de elementos que podem variar entre a conjunção e o verbo também foi testado, alternando de um a cinco -VERB consecutivos na expressão de busca (por exemplo, $_y^*$ *se* -VERB -VERB -VERB -VERB -VERB $_v^*$).

As expressões foram consultadas em períodos delimitados de tempo, selecionando o(s) século(s) de interesse para a busca no campo *Sections* (na aba *List*). Os resultados obtidos no *corpus* foram selecionados e extraídos manualmente. Por fim, desconsideravam-se ocorrências provenientes de textos de transcrição de fala, uma vez que no Corpus Histórico do Português Tycho Brahe só existem textos originalmente de modalidade escrita.

3.2 Corpus Histórico do Português Tycho Brahe

Para realizar a coleta de dados nesse *corpus*, foi feito o *download* da coleção de textos que o compõe, disponibilizada *online* e gratuitamente em formato .txt. Optou-se pelo *download* da coleção sem anotação (sintática ou morfológica), uma vez que não são todos os textos do *corpus* que possuem anotação¹. Os textos foram analisados no *software* concordanciador AntConc (ANTHONY, 2020), que permite, dentre outras coisas, realizar buscas por meio de expressões regulares em textos não anotados e organizar os resultados por elementos vizinhos.

Foram testadas algumas expressões regulares, na tentativa de otimizar as buscas, eliminando resultados que não são de interesse. A expressão regular $\backslash\text{bse}\backslash$, por exemplo, retorna todos os elementos especificados por *se* em fronteira de palavra. Foram obtidos casos como “*fez-se*”, além de combinações de *se* com outros elementos. Utilizando a ferramenta de organização dos resultados por ordem alfabética segundo seus elementos vizinhos, em um número especificado de casas à direita e à esquerda, foi possível agrupar resultados como esse, em que *se* não é conjunção condicional, e descartá-los da busca.

¹ Na plataforma, também são disponibilizadas versões de um mesmo texto com atualização ou preservação da grafia. No entanto, ao fazer o *download* dos textos, não é possível escolher qual será a versão utilizada de cada texto. Assim, a coleção de textos que compõem o *corpus*, quando baixada em formato .txt, apresenta uma variação na grafia dos textos, isto é, alguns possuem a grafia modificada/atualizada, outros possuem a grafia preservada, aleatoriamente.

Além disso, outras combinações foram utilizadas para busca de ocorrências, como todos os sinais de pontuação possíveis antecedendo a conjunção *se*, assim como foi feito no Corpus do Português. Por fim, as ocorrências encontradas foram selecionadas e extraídas manualmente.

3.3 Critérios de análise dos dados

Os dados coletados nos *corpora* foram, primeiramente, descritos de acordo com seus traços formais, morfossintáticos, e funcionais, semântico-pragmáticos. Para classificar as ocorrências em termos de função, considerou-se como critério norteador a expressão de subjetividade nas relações dialógicas entre os interlocutores.

Para discutir a aplicabilidade da proposta de Evans (2007) em relação às condicionais insubordinadas, foram coletados dados diacrônicos que alcançassem um longo período de tempo e que possibilitassem verificar a existência de um ou mais estágios de insubordinação e identificar, se possível, evidências de mudança em construções particulares durante o período investigado. As construções encontradas, após serem descritas formal e funcionalmente, foram também classificadas de acordo com os estágios da trajetória de insubordinação propostos pelo autor, por meio de testes de recuperação do conteúdo elíptico da construção segundo sua plausibilidade com ou sem a oração principal. Desse modo, a análise dos dados a ser apresentada é uma análise qualitativa.

4 Construções condicionais insubordinadas com *se*: traços formais e funcionais

Os resultados obtidos nas buscas em ambos os *corpora*, do texto mais antigo aos mais recentes, demonstram o aparecimento de construções insubordinadas somente a partir do século XVI, ocorrendo concomitantemente aos usos subordinados. Os dados demonstram que, desde os primeiros casos de insubordinação atestados nos *corpora*, já se encontram construções que desempenham funções especializadas. A ocorrência mais antiga encontrada está no documento *Chronica de-el rei D. Afonso Henriques*, escrito por Duarte Galvão no início do século XVI, já com valor especializado.²

Os casos encontrados apresentam dois padrões sintáticos: [se SV SN] e [se SN SV]. Os SVs podem ser marcados por tempo simples ou tempo composto, e podem ocorrer em todos os tempos do modo indicativo e apenas dois do modo subjuntivo. As construções com tempo composto ocorrem combinando um verbo no imperfeito do subjuntivo seguido de outro no particípio passado. No que diz respeito à variação em sujeito,

² Pelos registros disponíveis a respeito do autor, estima-se a data de escrita entre 1500 e 1517.

observa-se a ocorrência das 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, como se descreve também em *if-clauses* no inglês (KALTENBÖCK, 2016; TRAUGOTT, 2017), e também em 2ª e 3ª pessoas do plural.

Os casos abaixo são uma amostra das diferentes condicionais insubordinadas que foram encontradas nos *corpora*, apresentadas de acordo com o tempo e modo verbais em que ocorrem:

Modo indicativo:

Presente

- 8) [...] o que sendo dito a Daciano, disse com a mesma sanha, e crueza de antes de mais: *Se nem morto o pode rei vencer*. Então mandou atar uma grande mó ao Corpo, e lançar o no mar para debaixo do mar ser escondido [...] (1500~1517/ CTB_g_009)³

Pretérito perfeito

- 9) [character: Júlio] És velho, nam te respondo.
[character: César] Assi velho, *se outras forças me nam atalharam as minhas...* mas estamos na rua. (1562/ CTB_f_002)

Pretérito mais-que-perfeito

- 10) [character: Alexandre] Quem queres que lhe nam haja enveja.
[character: Pilarte] Inda lhe a este ficaram fezes. *Si, se o casamento fora só per estes três dias*. (1562/ CTB_f_002)

Futuro do presente

- 11) [character: I] Milvo florentim muito mau cabrão.
[character: II] Esse mesmo.
[character: Pajem] *Se quererá este também ser meu amo!* (1500~1555/ CTB_m_007)

³ As ocorrências serão sempre apresentadas da seguinte maneira: ‘ano do documento ao qual pertence/ corpus do qual foi retirada (_código do arquivo na plataforma, no caso do CTB). Os anos apresentados juntamente com o símbolo ~ são anos aproximados. O CTB, em particular, fornece para cada documento de texto somente o ano de nascimento do autor. Em alguns casos foi possível identificar o ano exato de escrita do texto ao qual a ocorrência pertence, por assinatura do autor. Em outros casos, foram buscados no Google os títulos dos textos entre aspas para identificar o ano aproximado de escrita/publicação.

Futuro do pretérito

- 12) [character: Sargenta] Ui aquele é nosso amo. *Se me ouviria...* Mas ele não ouve já muito bem. (1500~1555/CTB_m_007)

Modo subjuntivo:

- 13) Pretérito imperfeito
[character: Clareta] Assi as pagamos, ainda que todo o mal é da coitadinha.
[character: Janoto] *Pois se subesses pera quem Octávio negociava aquilo...*
(1562/CTB_f_002)

Futuro

- 14) CES. – Ora dize, pois minha mofina assi o quis, que quinhão sera o meu, concertando-nos?
GUIS. – Teras tua noite na somana.
MIL. – E naquilo tambem comeu muito; que-lo meter em dieta.
GUIS. – *Se fores nesse conhecimento...* (1533/CdP)

Tempo composto:

Pretérito imperfeito do subjuntivo + participio passado

- 15) – Como é possível que a gente se transforme de semelhante modo? Dizia ele uma vez a Francisco. *Ainda se tivesse recebido depois desses desatinos saudável educação...* (1878/CdP)

Do ponto de vista funcional, considera-se que as construções in subordinadas podem expressar valores semânticos-pragmáticos bastante específicos, o que já é consenso na literatura sobre o processo de in subordinação. Nesse sentido, as construções condicionais in subordinadas sob análise neste trabalho foram usadas para a expressão de diferentes valores, todos relacionados a uma categoria semântico-pragmática mais ampla, qual seja, a da subjetividade. Nas ocorrências seguintes, percebe-se claramente que o falante manifesta, nas relações dialógicas entre os interlocutores, sua atitude subjetiva e sua avaliação em relação à proposição e à estrutura discursiva. É o que se pode ver a seguir:

Desejo

- 16) – Eu quero ir embora daqui. Nunca vi Recife. Vou morrer sem ver Recife. *Se eu conseguisse atravessar a caatinga... Mas como?* (1986/CdP)

Expectativa

- 17) Oh! *Se soubesse como me faz sofrer!* Não chore; eu lho peço. Peço-lhe mais. Peço-lhe que viva. (1865/CdP)

Indignação

- 18) – Está vendo que pouca-vergonha? Um senador bolinar! [...] Todo o dia é aquilo... uma vergonha! *Se fosse outro, mas um senador!* (1909/CdP)

Aviso, advertência ou ameaça

- 19) Viu aquele da frente, que gritou calouro? *Se eu dissesse o que se conta dele...* aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores. (1888/CdP)
- 20) Eu cá não conto com desgraça, sou homem! *Se grimparem comigo, ahn!* (1899/CdP)

Pedido

- 21) Eu compareço de vez em quando, com licença do médico da sala: veja: lembrei-me de você, Deuca, que gostava de ouvir Manfredo. *Se você pode ajudar o homem em alguma coisa....* (1960/CdP)

Oferta

- 22) – O churrasco está na brasa, *se é servido...* (1879/CdP)

Por conta do fato de que todos esses valores se relacionam à expressão da subjetividade, parece haver pontos de intersecção entre essas funções, que desencadeiam mais de uma possibilidade de interpretação da construção. Casos que poderiam ser interpretados como um desejo por parte do falante, também poderiam ser lidos como a expectativa do falante em relação ao conteúdo proposicional. Do mesmo modo, entre as funções de

aviso, advertência ou ameaça. A expressão de indignação, por sua vez, expressa também expectativa por parte do falante sobre aquilo que se fala.

Foram encontrados, ainda, casos em que há um outro elemento antecedendo a conjunção *se*, por exemplo *mas* e *pois*, que resultam na codificação de um sentido adversativo e não mais condicional, como é descrito para condicionais insubordinadas no espanhol (MONTOLÍO, 1999; SCHWENTER, 2016):

- 23) – Papá, a Júlia faz versos!
– Não senhor, não lhe acredites nas falsidades!
– *Pois se eu os tenho aqui*. Olha, toma, lê tu mesmo. (1907/CdP)
- 24) – Não faça isso – pediu Leninha, quase gritando, fazendo um esforço doido para não gritar – não faça isso que me machuca! (...)
– *Mas se eu quero machucar mesmo! Se é para machucar!* (1944/CdP)

Essas construções ocorrem à mesma maneira que no espanhol, em turnos de resposta e, geralmente, com função discursiva de réplica à pressuposição do enunciado antecedente. Os verbos, nesses casos, sempre se apresentam no indicativo, nunca no subjuntivo, e suspendem a hipoteticidade da construção, ainda que se tenha alguma marca gramatical de condição.

As construções encabeçadas por *pois*, quando realizadas no modo subjuntivo, provocam a interpretação de desejo ou expectativa por parte do falante, e não mais de réplica como ocorre quando realizadas no modo indicativo. Quando as construções possuem valor originalmente condicional, ainda que sejam iniciadas por *mas* combinado ao modo indicativo, possibilitam a coordenação, o que não é possível em construções que expressem exclusivamente valor adversativo (MONTOLÍO, 1999):

- 25) [character: Clareta][1693] Assi as pagamos, ainda que todo o mal é da coitadinha.
[character: Janoto][1694] *Pois se soubesses pera quem Octávio negociava aqui-lo...* (1562/ CTB_f_002)⁴
- 26) [character: Brômia][1428] Como podes tu ser Júlio, se ele deixou dito que nam havia de vir?
[character: Júlio][1429] É verdade, que disse eu isso, porque cuidei, que não

⁴ Ocorrência já utilizada em (13).

tornasse, *mas se me vês, e ouves...* (1562/ CTB_f_002)

Nesses casos, nota-se que a ausência de uma oração principal combinada a elementos específicos, como verbos no modo indicativo, um traço particular de condicionais insubordinadas, configura valores que se sobrepõem à condicionalidade original da construção e podem anular sua hipoteticidade. Muitos dos valores identificados no uso dessas construções já descritos na literatura no inglês e no espanhol (MONTOLÍO, 1999; SCHWENTER, 2016; KALTENBÖCK, 2016; TRAUGOTT, 2017) foram atestados no português.

Esses valores, que podem ser avaliados nas categorias de modalização epistêmica e deôntica, são codificados porque, como afirma Schwenter (2016), o significado hipotético expresso nas CCIs se trata de um caso de implicatura griceana; verifica-se um uso relativamente estável, mas ainda reversível, que pode sofrer um bloqueio à medida que a estrutura é empregada com outro sentido. Essas construções são chamadas de performativas (KALTENBÖCK, 2016, p. 342), porque possuem força ilocucionária própria.

É interessante notar que usos altamente especializados, como os casos que expressam valor adversativo, são encontrados já no início do século XVI. Como aponta Evans (2007), essas construções não são dependentes do contexto para sua significação. A presença de um item de polaridade negativa, como *nem*, em (8), desencadeia uma interpretação negativa em relação ao conteúdo pressuposto: se *nem* morto se pode vencer o rei, tampouco se pode vivo.

Na ocorrência seguinte, a construção complementa a pergunta feita pelo falante, que contraria fortemente o enunciado precedente:

27) [character: Escrivão] Deve-me seis réis de assento.

[character: Almotacé] Que assento? *Se o azeite vem sentado em cima de um asno.* (1658/CTB_r_001)

O falante pergunta: ‘como pode me cobrar pelo assento, se o azeite vem sentado em cima de um asno? Nota-se que nesse caso, mesmo na ausência de um item de polaridade negativa, tem-se a interpretação de refutação sobre o que é pressuposto no enunciado precedente. A força ilocucionária de refutação é ressaltada pela presença da conjunção condicional *se*, conferindo um caráter rude à construção. Desse modo, entende-se que o emprego dessas construções particulares não prevê qualquer traço ligado a estratégias de

polidez, pelo contrário, visa transparecer a obviedade contida na causalidade da refutação.

Como apontado por diversos trabalhos posteriores ao de Evans (2007), construções in subordinadas apresentam traços pragmáticos específicos de seu funcionamento. Essas construções mantêm relações de dependência a elementos pertencentes ao nível pragmático e essas relações, na ausência da oração principal, dão abertura às outras interpretações. Seus contextos de ocorrência demonstram que são construções tipicamente empregadas em situações dialógicas e que ocorrem principalmente em turnos de resposta a algum enunciado anterior, característica importante na delimitação dos diferentes graus de in subordinação no desenvolvimento dessas construções.

Destacam-se três construções nos *corpora*, que merecem uma discussão mais detalhada sobre a relação entre forma e função, a saber: *se me [DAR] licença*, *se me [PERMITE]* e *se não me engano*. São construções descritas como *formulaicas* por Hirata-Vale (2015), que apresentam forma e função especializadas e que, de acordo com os dados recolhidos dos *corpora*, demonstram ter passado por uma trajetória de in subordinação, na qual se convencionalizaram e se tornaram independentes do ponto de vista semântico-pragmático.

São constituídas pelos seguintes elementos [se (não) SN SV (SN)] e, nos termos da abordagem construcional, são construções não composicionais, uma vez que não apresentam mais variações internas em seus constituintes, tendo sua significação contida em sua forma:

- 28) *Se me dá licença...* Respeitos ao nosso cônego. (1875/CdP)
- 29) – Mas ao menos prometa que há de vir à nossa casa, disse D. Pulquéria.
– *Se me permitem essa honra...*
- 30) – Não permitimos, exigimos, disse Rodrigo. (1874/CdP)

O autor, *se não me engano*, era Goethe e dizia mais ou menos isto: “A coisa mais funesta: a ignorância em atividade”. (1982/CdP)

Nessas construções, observam-se restrições em modo, sujeito e significado, quando comparados os dados mais antigos encontrados com os mais recentes. Essas restrições serão expostas na próxima seção ao tratar, especificamente, dos estágios da trajetória de in subordinação proposta por Evans (2007).

5 Estágios da trajetória de insubordinação: do século XVI ao século XX

Embora os textos disponíveis nos *corpora* alcancem do século XIII ao século XX, somente foram encontrados casos de construções insubordinadas a partir do século XVI. O primeiro caso encontrado ocorre entre 1500 e 1517 (ocorrência (8)). A partir daí, observam-se diferentes estágios de insubordinação (EVANS, 2007, p. 370) ocorrendo ao longo dos séculos, concomitantemente aos usos subordinados:

Uso subordinado

- 31) *Se esse fazer-se ido para a natureza for por algum descontentamento, encomendo-vos que o mandeis buscar, e com as melhores palavras que puderdes o façais ir, e também lhe fale dom Pero, pois é seu amigo, e por seu respeito folgava de ir.* (1533/CTB_d_001)

Uso insubordinado

- 32) [character: Pinerfo][3281] Nunca vi velho tam quente do miolo, parece-me se to para o filho que o comera òs dentes. [3282] *Se Calidônio ora soubesse o perigo em que o seu andou!* (1562/CTB_f_002)

A classificação das ocorrências encontradas segue os critérios estabelecidos por Evans (2007) para cada estágio da trajetória de insubordinação. Construções que não restringem ou direcionam a interpretação do material elíptico a um sentido específico configuram o que o autor propõe como segundo estágio de insubordinação, de elipse, ilustrado com os seguintes casos:

- 33) [character: Ardélio][1636] Queres que vá ele lá dar contigo?
[character: Júlio][1637] *Se o nam tomar por trabalho.*
[character: Ardélio][1638] A tua casa?
[character: Júlio][1639] Si. (1562/CTB_f_002)
- 34) LAUDELINA – Ai, o Frazão aqui! Por que não aproveita a nossa vinda e não pede ao empresário que leve a sua peça?
PANTALEÃO – *Se ele quiser...* O drama está montado... os cenários e vestuários estão no teatro. (1904/CdP)

Construções capazes de expressar diferentes valores que se acrescentam ao de condicionalidade, como desejo, oferta, aviso, pedido, etc., atendem às condições do terceiro estágio da trajetória, de elipse convencionalizada, como, por exemplo:

Desejo

- 35) Neste fundo essencial de nossas almas queria a Vossa Mercê submergida pregada, sobrelevada, transfundida, e tão morta, que só em Deus ficara. Oh! *se quisesse Deus que o pudesse acabar!* (1674/CTB_c_003)

Advertência

- 36) – Dize para mim, Jorge: é verdade que Dom Lourenço deu cabo da vida?
– Quem te contou isto? *Se Dona Nhanhá te ouve dizer estas coisas..* (1977/CdP)

Foram atestados, ainda, três casos particulares que configuram o quarto estágio de insubordinação: *se me [DAR] licença, se me [PERMITIR] e se não me engano*. São casos altamente especializados em termos de forma e função e independentes do ponto de vista semântico-pragmático. As ocorrências dessas três construções obtidas nos *corpora* demonstram diferentes estágios da trajetória de insubordinação, que ocorrem durante o período investigado, e evidenciam uma possível sucessão compatível com o processo de construcionalização (nos termos de Evans, 2007).

5.1 Se me [DAR] licença

O caso dessa construção condicional é capaz de ilustrar a hipótese de Evans (2007) sobre a origem da construção insubordinada a partir de uma oração originalmente subordinada. Foram encontrados casos em que se observa uma relação sintática de dependência e sentido literal de permissão, anteriores ao aparecimento dos casos de insubordinação. Nota-se que, após o processo de insubordinação, a construção passa a ocorrer também relacionada a outros enunciados, mas com forma e significado já especializados. Para casos como esses, Kaltenböck (2016) afirma que é importante fazer distinção entre construções governadas sintaticamente por aquelas que as acompanham e não governadas, independentes do ponto de vista semântico-pragmático.

Inicialmente, o emprego dessas construções permitia tempos verbais no modo sub-

juntivo, expressando hipótese a partir da condição marcada na oração subordinada para a realização da ação da oração principal. Nesses casos, as construções parecem obedecer necessariamente ao esquema proposicional *se p, q*. A mudança em tempo-modo começa a dar sinais em aproximadamente 1800, com variações de tempo no modo subjuntivo e alguns casos com uso do modo indicativo. No mesmo século, surgem os primeiros casos de construção insubordinada, concomitantemente aos usos subordinados prototípicos.

A restrição das formas verbais, sujeito e significado são fortes indicadores de um processo de mudança, o qual pode ter dado origem à forma insubordinada da construção *se me [dar] licença*, podendo apresentar variação entre o verbo no presente do indicativo, *dá*, e futuro do subjuntivo, *der*. Nota-se uma transição do domínio sentencial para o domínio pragmático no desenvolvimento dessa construção, que pode ser sustentada pelos seguintes fatores: i. casos em que a construção ocorre sintaticamente desvinculada de outra construção, apresentando maior dependência do contexto pragmático para interpretação; ii. casos em que se tem uma função específica, nesse caso, de expressão de polidez, na atuação dessa construção, operando principalmente na interação falante/ouvinte. Uma vez que a condição de ter licença/permissão deixa de ser limitante para a realização da ação expressa na oração principal, observa-se que a construção deixa de seguir o esquema proposicional *se p, q*.

Podemos ilustrar esse processo de mudança com a seguinte trajetória:

- 37) Meu Deus e meu Senhor, *se me deres licença que nesse Céu furtasse alguma coisa, nem a glória furtaria nem a bem aventurança; só uma cousa furtara, e esta é o vosso amor.* (1631/CTB_c_003)
- 38) – E vens.. para ficar? – perguntou o doente com uma inflexão de alegria quase infantil.
– *Se me der licença que fique..*
– Se te der licença, filha (...) Não, Berta; não é aqui o teu lugar. (1871/CdP)
- 39) – Eu espero que aquele vadio se não demore muito
– *Se a estaqueira der licença..*
Ficou a passear na sala, nervosa, com aquela ideia. Deixar-se namorar pela estaqueira, e a mulher do delegado, e as outras! (1878/CdP)
- 40) Limoeiro – (Para Henrique) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem [...]
Vai mudar de roupa.
Henrique – (A Chico Bento) *Se me dá licença.* (1881/CdP)

5.2 Se me [PERMITIR]

De modo semelhante à construção anterior, a construção *se me permite* parece passar por uma especialização, com estágios distintos de desenvolvimento coexistindo ao longo dos séculos. O primeiro uso encontrado nos *corpora* é do século XVII e funciona como um comentário, ou intervenção do falante, com função interpessoal:

- 41) Enfim, senhor, que nem a comunicação natural, que é do direito das gentes, *se me permite*, como se esse desterro fora excomunhão, sendo que ainda nessa exceptuada a necessidade e a utilidade. (1626-1692/CdP)

Nos séculos seguintes, encontram-se usos subordinados e insubordinados coexistindo, que apresentam variações em tempo e modo verbais, sujeito e função:

- 42) CLEMENTINA – O que quer?
JÚLIO – Eu.. (Fica enleado. Alguns momentos de silêncio) [...] *Se me permitisse..* (Mesmo jogo)
CLEMENTINA – O senhor está tão ansiado. (1844/CdP)
- 43) ÚRSULA – E agora? como está d^a. Helena?
CLARIMUNDO – Dorme sossegada.
ÚRSULA – *Se o permite, esperarei que ela acorde.* (1870/CdP)
- 44) – Mas ao menos prometa que há de vir à nossa casa, disse D. Pulquéria.
– *Se me permitem essa honra..*
– Não permitimos, exigimos, disse Rodrigo. (1874/CdP)⁵
- 45) – Respeito muito a opinião de vossa excelência, mas *se me permite..* Sim, digo eu, os párocos na cidade são-nos dum grande serviço nas crises eleitorais. Dum grande serviço! (1875/CdP)

Em (43), observa-se uso subordinado que respeita o esquema proposicional *se p, q*, em que *p* é condição necessária para *q*. Nesse caso, o sentido literal de permissão é mantido, bem como a condicionalidade original da oração. Os casos (42), (44) e (45) ca-

⁵ Ocorrência já utilizada no exemplo de número 29.

racterizam construções insubordinadas que podem expressar, respectivamente, desejo/expectativa por parte do falante, pedido e polidez para introduzir uma réplica/refutação a um enunciado precedente.

Durante esse século, as ocorrências de construções insubordinadas encontradas apresentam verbo conjugado no pretérito imperfeito do modo subjuntivo e no presente do modo indicativo, este último sendo também encontrado nos usos subordinados. O sujeito varia entre plural e singular da segunda pessoa do discurso (você/vocês). Em relação aos objetos, observa-se a ocorrência de *me* (a mim) e também do pronome oblíquo *o*, de terceira pessoa.

Os casos que funcionam como uma estratégia de polidez, como em (45), ocorrem no fim do século XIX nos *corpora*:

- 46) Quem vira a visagem fora o assombro dele. *Se lhe permitia a franqueza*, fora a sua cobardia. E no mistério ficou a visagem. (1892/CdP)

O falante se vale da construção em (46) justamente para introduzir um ato ameaçador da face. Assim, a construção funciona como uma estratégia de polidez, no sentido de que é utilizada para amenizar o julgamento colocado em seguida. Como se nota, o falante se refere a outro sujeito, marcado pelo pronome oblíquo átono de terceira pessoa. A partir de então, outros casos como esse foram encontrados nos *corpora*, de usos frente a atos ameaçadores da face, que podem, em alguma medida, julgar uma atitude, ou qualquer característica, referente a outro sujeito do qual se fala no discurso:

- 47) Os três Inimigos da alma, da Cartilha, os três sinistros colegas – Mundo, Diabo e Carne – que de braço dado rondam em volta da humanidade, à caça das almas indefesas, ou nunca ousaram aproximar-se deste varão impecável, ou, se o fizeram, foram vergonhosamente escorraçados, como ratos – *se me permitem a comparação* – surpreendidos sobre um velho pedaço de queijo. (1925/CdP)

- 48) Gens: Muito bem dito, Sara, *se me permite*. (1988/CdP)

Os quatro estágios de insubordinação foram identificados no desenvolvimento dessa construção e podem ser ilustrados a partir dos casos (43), (42), (44) e (45), que

coexistem durante o mesmo século e ilustram, nessa ordem, uma possível trajetória de insubordinação, de acordo com a proposta de Evans (2007). Por essa trajetória é possível observar gradualmente o esvaziamento do sentido literal de permissão e da condicionabilidade ao passo que a construção passa a expressar outros valores e a funcionar como um mecanismo de polidez na interação falante/ouvinte.

5.3 Se não me engano

No que diz respeito a essa construção, embora apresente a forma de uma insubordinada, ocorre sempre relacionada a algum enunciado, o qual parece ser modalizado por ela em relação ao grau de certeza do falante (OLIVEIRA, 2008). Tal função é atestada já no século XVI, juntamente de outros casos de subordinação.

Esse tipo de construção é o que Kaltenböck (2016) descreve como construção elaborativa, que configura comentário, esclarecimento ou avaliações do falante em relação ao enunciado, sendo, assim, dependente do contexto:

- 49) Daqui nasceram, *se me não engano*, os anagramas, tão exercitados em França, que abraçam o nome, ou pensamento da pessoa com diferentes palavras, mas com as mesmas letras (1675-1754/CTB_a_002)

A partir dos dados obtidos, observa-se que tal construção apresenta algumas variações de forma e de significado até chegar em seu estado mais atual, fixa em primeira pessoa do singular com verbo flexionado no presente do indicativo. As variações incluem as combinações [me não] e [não me], que concorrem até o início do século XX; o sujeito, que varia entre primeira e terceira pessoa do singular, e o tempo verbal, encontrado no presente e passado do indicativo.

Os casos de subordinação encontrados nos *corpora* são capazes de expressar o sentido literal do verbo *enganar*, que, quando passa a ser flexionado no presente do indicativo, se torna reflexivo e expressa modalização epistêmica, com sentido de equivocarse. Acredita-se que a forma cristalizada da construção tenha tido origem a partir do uso subordinado, que passa por um processo de mudança anteriormente ao que os registros alcançam:

- 50) Oh se quisera a ventura, que agora o encontrasse! *Mas se me não engana a vista, lá vejo vir um cavaleiro: ele é sem dúvida; apressar-me quero.* (1744/CTB_s_004)

- 51) Pois eu, *se me não engana o tato, acho a barriga de Vossa Mercê tão dura, que cuidado tem dentro dela um calhau.* (1744/CTB_s_004)
- 52) Há dous annos que aqui estou, promettendo-se-me sempre promoção e adiantamento, à qual, *se me não engano*, tenho tanto direito como os mais que todos sem excepção tem sido promovidos. (1835/CTB_g_003)
- 53) – Ele teve aqui. Tomou guaraná e comeu um sanduíche de queijo. Perguntei se tava a passeio, respondeu ter vindo visitar um tio. Era do Recife, *se não me engano.* (1987/CdP)

De acordo com essas evidências, considera-se que esses casos apresentados são capazes de ilustrar apenas dois dos quatro estágios da trajetória de insubordinação de Evans (2007), a saber, a subordinação e a convencionalização. Como não foram encontrados estágios intermediários nos *corpora*, supõe-se que seja em virtude de seu alcance, uma vez que os usos insubordinados convencionalizados aparecem já no século XVI e co-ocorrem com os usos subordinados.

6 Considerações finais

A investigação do funcionamento de construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* nos *corpora* diacrônicos permitiu atestar diferentes estágios de insubordinação nessas construções e possíveis processos de mudança pelos quais construções particulares podem ter passado até atingirem seu estado mais especializado, o que, até então, era uma lacuna para o tratamento do fenômeno no português.

Observa-se que existem restrições formais e funcionais no uso dessas construções, que fazem com que passem a expressar outros valores específicos que são determinados no uso. Tal fato sugere que a propriedade de composicionalidade é de fato um forte indicador do grau de insubordinação, tendo em vista que, num contínuo de convencionalização, as construções mais especializadas são as mais independentes em relação ao contexto (HIRATA-VALE, 2015).

A proposta de Evans (2007), embora tenha sido reavaliada por outros autores, especialmente a respeito da elipse no processo de insubordinação, se mostra aplicável para tratar das condicionais insubordinadas com *se* no português. Os dados recolhidos nos

corpora, dentre os séculos XVI e XX, demonstram a existência dos diferentes estágios de insubordinação ocorrendo simultaneamente, além de evidenciar a especialização de casos particulares que passam a atuar exclusivamente sobre a relação interpessoal falante/ouvinte e parecem ter tido origem a partir de orações originalmente subordinadas. Nesses casos particulares, a CCI parece funcionar exclusivamente como mecanismo de polidez no discurso, no caso das construções apresentadas em 5.1 e 5.2, e modalizador epistêmico em 5.3.

Os estudos acerca das construções condicionais insubordinadas demonstram, ainda, a necessidade de explorar outros desdobramentos em seu desenvolvimento. Como mostram os diversos trabalhos sobre o fenômeno, construções insubordinadas apresentam traços prototípicos de orações subordinadas e funcionamento independente, característico de orações principais. As condicionais, em particular, evidenciam traços pertencentes à instância da condicionalidade e também de outras instâncias de valores que são capazes de expressar, que se sobrepõem à condicionalidade no uso insubordinado. Nesse sentido, sugere-se para trabalhos futuros a organização e análise dessas construções em estruturas de rede, conforme a concepção da Gramática de Construções da língua como uma rede interconectada de construções, para que se possa apreender relações estabelecidas entre diferentes construções que resultam em suas características formais e funcionais particulares.

Acredita-se que os estudos sobre o fenômeno da insubordinação contribuam não só para a compreensão dos processos relacionados a ele, como também de outros processos de articulação de orações.

Agradecimentos

Este artigo é decorrente de projetos realizados com auxílios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, a quem as autoras agradecem (FAPESP Processo 2018/07734-3; Processo 2018/24455-0; Processo 2013/24523-2; Processo 2016/05224-2).

Referências

ANTHONY, L. *AntConc* (Version 3.5.9) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. 2020. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

- DEBAISIEUX, J.; MARTIN, P.; DEULOFEU, H. Apparent insubordination as discourse patterns in French. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Org.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 349-383.
- DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.
- DECAT, M. B. N. O 'desgarramento' como estratégia de focalização em língua portuguesa. *Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*, Niterói, v. 1, n. 2, 2019.
- D'HERTEFELT, S.; VERSTRAETE, J. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? *Journal of Pragmatics*, n. 60, p. 89-102, 2014.
- EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Org.). *Finiteness: theoretical and empirical foundations*. Oxford University Press, 2007. p. 366-431.
- GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. Corpus histórico do português Tycho Brahe, 2017. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (Cognitive theory of language and culture). Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GRAS, P. *Gramática de construcciones en interacción*. Propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en español. 2011. 580 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2011.
- HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, 2015.
- HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. *Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 1, p. 83-97, 2017.
- HIRATA-VALE, F. B. M. Construções completivas insubordinadas subjetivas-modais no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 1, p. 297-311, 2020.
- HIRATA-VALE, F. B. M.; OLIVEIRA, T. P.; SILVA, C. F. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. *Odisseia*, v. 2, p. 25-41, 2017.
- KALTENBÖCK, G. On the grammatical status of insubordinate if-clauses. In: KALTENBÖCK, G.; KEIZER, E.; LOHMANN, A. (Org.): *Outside the clause: form and function of extra-clausal constituents*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 341-377.
- KALTENBÖCK, G. Delimiting the class: A typology of English insubordination. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Org.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 169-198.
- KALTENBÖCK, G.; HEINE, B.; KUTEVA, T. On thetical grammar. *Studies in Language*, v. 35, n. 4, p. 848–893, 2011.

LINDSTRÖM, J.; LAURY, R.; LINDHOLM, C. Insubordination and the contextually sensitive emergence of if-requests in Swedish and Finnish institutional talk-in-interaction. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Org.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 55-79.

MITHUN, M. The extension of dependency of beyond sentence. *Language*, v. 84, n. 1, p. 69- 119, 2008.

MITHUN, M. Sources and mechanisms. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Org.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 29-54.

MONTOLÍO, E. ¿Si nunca he dicho que estuviera enamorada de él! Sobre construcciones independientes introducidas por si con valor replicativo. *Oralia: Análisis del discurso oral*, n. 2, p. 37-70, 1999.

OLIVEIRA, T. P. Se não me engano está se gramaticalizando? *Alfa*, v. 52, n. 2, p. 179-193, 2008.

SANSIÑENA, M. S. *The multiple functional load of que*. An interactional approach to insubordinate complement clauses in Spanish. 2015. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 2015.

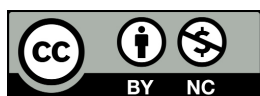
SANSIÑENA, M. S. Patterns of (in)dependence. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Org.) *Insubordination, theoretical and empirical issues*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2019. p. 199-239.

SCHWENTER, S. Independent si-Clauses in Spanish: functions and consequences for insubordination. In: EVANS, N.; WATANABE, H. (Org.) *Dynamics of insubordination*. Amsterdam: Benjamins, 2016. p. 89-112.

STASSI-SÉ, Joceli Catarina. *Subordinação discursiva no português à luz da gramática discursivo-funcional*. 2012. 194 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Insubordination in the light of Uniformitarian Principle. *English Language and Linguistics*, v. 21, n. 2, p. 289-310, 2017.

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic-pragmatic values. *Journal of Pragmatics*, v. 22, n. 8, p. 226-250, 2014.



Data de submissão: 30/07/2020

Data de aceite: 14/01/2021